

70259A

**BIBLIOTECA
UNEMAT** 02
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG: N° 14675
Data: 27 / 04 / 2011
() Compra (x) Doação () Permuta

ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE ENSINO E GRADUAÇÃO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS

IVONICE ISIDIO DA SILVA ANDRADE

LINGUAGEM VIRTUAL: Da Internet à Sala de Aula

371.3:004.738.5
A 553 2

Pontes e Lacerda – MT
2010/2

IVONICE ISIDIO DA SILVA ANDRADE

LINGUAGEM VIRTUAL: Da Internet à Sala de Aula

Monografia de conclusão do curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras da UNEMAT - Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para a obtenção do título de graduação em Letras.

Orientador: José Antonio Vieira.

A meu esposo Abrão, meus queridos filhos: Érika, Lirley e Fernando; meus amados netos: Emili Jamily, Jader Josmar e Hítalo Fernando; meu genro Josmar e nora Silmara Regina e meus irmãos: Izaneide, Reinaldo, Renato, Robério, Ramiro, Ivonilda, Iverilda, Ivoneide e Daniel, foi com eles que começou meu mundo ideológico. Em suma, este trabalho é uma resposta ao carinho, confiança e força de toda a minha família e por ter acreditado na minha capacidade de realização, muito OBRIGADA.

Agradecimentos:

Agradeço a Deus pela vida, pela saúde, pela sabedoria e pela determinação em continuar minha jornada de estudos mesmo quando os desafios me fizeram fraquejar e pensar em desistir. Mas, sempre que os problemas insistiam em acompanhar minha trajetória de vida, procurava forças na prerrogativa de que um mundo melhor só acontece pela educação, esse fator foi de crucial importância para fazer com que eu buscasse novas formas e novas oportunidades para enfrentar o desafio de ser estudante mesmo depois dos quarenta anos de idade. Porém, foi neste momento que descobri que não há idade para aprender, pois seremos aprendizes eternos da misteriosa arte de viver visto que somos seres inacabados.

Agradeço aos meus entes queridos que conviveram comigo e me ajudaram a trilhar este caminho, à vocês: Jhonny, Ely, Gumercinda e José, obrigada pelo apoio e compreensão. Aos meus saudosos pais: Izabel Prazeres e Sebastião Izidio que me embalaram em seus braços, me deram carinho recheado de amor o qual foi a fonte de inspiração, muito me ensinaram com seus exemplos de vida e de fé o melhor caminho que eu deveria trilhar. A você Abrão nem mesmo milhões de frases bonitas conseguirão alcançar a grandeza de minha gratidão e admiração. Obrigada por compreender minha ausência e por me apoiar em todos os momentos de minha vida, agradeço acima de tudo por ter ao meu lado um homem real que possui defeitos e qualidades, mas os defeitos são ínfimos perto do grande homem que és.

Meus queridos filhos: Érika Lirley e Fernando, que fomos um dia dois seres vivendo dentro do mesmo corpo, saibam que vocês foram a alavanca que me impulsionou para mais esta conquista em minha vida, bem como aos meus lindo netos que tantos finais de semana não pudemos brincar face aos trabalhos da faculdade: Jader Josmar o primogênito, Emili Jamily e Hítalo Fernando, os quais chegaram no meio desta jornada e vieram para abrilhantar nossa família.

Estimo agradecimentos às minhas alunas de musica: Rafaela, Jaqueline, Cristiane, Cléia, Marlene, Núbia, Lidiana Freitas, Lidiana de Paula, Élen, Ranilce, Hailla, Elsa Carolina, Thaís, Samara, Andressa, Luana, Andréia, Adelaine, Tanye, Isabelly, Luis Fernando, Jéssica e Gabriel, pela compreensão e apoio nos momentos em estive ausente. Agradeço também aos meus irmãos (as), cunhados(as), sobrinhos(as), genro e nora, por entenderem minha ausência nas festinhas que houve em família. As amigas: Juliana, Lidiana, Valéria e Ednéia que fizeram parte do meu grupo de estudo e

que muitas vezes quando apareciam situações que me faziam temer, obstruindo as perspectivas de vitória estas amigas verdadeiras, mostravam-me situações que me faziam lutar e assim orgulhando -me de nossas conquistas.

A todos os professores da UNEMAT, em especial ao meu orientador José Antonio Vieira, e a banca examinadora: Mariana Aparecida Oliveira Ribeiro e Vanessa Fabiola Silva de Faria, a professora de TCC: Roseli Aparecida Romanelli, a professora Izabel de Freitas Silva e o professor José Leonildo Lima, pelos livros que foram concedidos para leitura; obrigada a todos.

Resumo

As novas tecnologias de informação e comunicação (NTIC) foram se alicerçando no rol de mudanças e evoluções na linguagem social. Nesse contexto a internet surge como um canal de comunicação onde prepondera uma nova linguagem concatenada a símbolos visuais e sonoros. Assim, a linguagem utilizada pela sociedade em rede, aponta para uma forma de interação tecnológica que pode influenciar a forma escrita de textos que circulam num ambiente onde deveriam sobressair as regras gramaticais da Língua Portuguesa. Diante disso, este trabalho apresenta uma análise da produção textual de alunos da 8ª série da Escola Estadual São José de Pontes e Lacerda – MT, pois, procuramos perceber se aluno usa de expressões simbólicas advinda da comunicação mediada pelo computador (CMC). Para suscitar a presente discussão vimos a necessidade de subdividir este trabalho em três capítulos, de modo que no primeiro abordaremos alguns conceitos de como deveria ser a produção de textos na sala de aula, isto segundo a visão crítica de alguns pensadores; no segundo capítulo trataremos em abordar a linguagem virtual e sua crescente propagação no ciberespaço; e por fim, o terceiro capítulo o qual podemos considerá-lo como o ponto central desta análise, haja vista que neste capítulo nos ocuparemos em analisar a produção textual dos alunos para respondermos a indagação que norteou nossa análise: *O aluno é capaz de redimensionar a linguagem em seus contextos de uso e adequação?*

Palavras – Chave: Ambiente virtual; ambiente escolar; comunicação; influência, regras gramaticais.

SUMÁRIO

Resumo	viii
Introdução.....	9
I-Produção de texto na escola	10
II-A Língua Portuguesa na Era Digital.....	18
III-Produções textuais na Escola: entre a escrita escolar e a escrita virtual.....	28
Considerações Finais.....	41
Referências Bibliográficas.....	42
Anexos.....	44

Introdução

O presente trabalho monográfico tem por objetivo trazer uma discussão crítica quanto ao tipo de linguagem criada nos ambientes virtuais. Para tanto, partimos da hipótese de que essa língua dos jovens conectados ultrapassa os espaços virtuais e instaura-se no meio social como um todo. No intuito de elucidar a hipótese levantada tomamos como norte desta pesquisa analisar a produção escrita de alunos da 8ª série da Escola Estadual São José do município de Pontes e Lacerda – MT.

Ao empreendermo-nos no percurso de amadurecimento das idéias para então efetivar tal trabalho de pesquisa nos pautamos na seguinte interrogativa: *O aluno é capaz de redimensionar a linguagem em seus contextos de uso e adequação?* No intuito de respondermos esta indagação sustentamos este trabalho em três capítulos que se complementam e caminham ao encontro de elucidarmos esta questão. Assim, este trabalho traz uma visão clara e objetiva sobre a produção de texto na escola, a linguagem virtual criada no ciberespaço e concomitantemente, observar se ocorre uma influência desta nova linguagem no ambiente de escrita escolar.

I – Produção de texto na escola

A comunicação social a partir do surgimento da gramática da língua portuguesa passa a ser regida por regras e normas que se formam no interior dos processos de interação entre os falantes. Assim, logo após o descobrimento do Brasil, surgiram as primeiras gramáticas com o objetivo de normatizar o uso da língua. A linguagem neste sentido ganhou espaço tanto no interesse quanto na preocupação dos estudiosos fato este que se torna contundente em função dos estudos empreendidos ao longo dos anos por Fernão de Oliveira, João de Barros, Pero de Magalhães de Gândavo, Duarte Nunes Leão.

Estes estudiosos foram pioneiros em sustentar o uso da língua num contexto de regras e normas gramaticais. Deste modo, surgiram as seguintes os “manuais de regras de uso da língua”:

- Gramática da Linguagem Portuguesa (1536), de Fernão de Oliveira;
- Gramática da Língua Portuguesa (1540), de João de Barros;
- Regras que ensinam a maneira de escrever e a ortografia da Língua Portuguesa (1574), de Pero de Magalhães de Gândavo;
- Ortografia e origem da Língua Portuguesa (1576), de Duarte Nunes Leão.

Assim a escrita da língua a partir do século XVI, mergulha profundamente num ambiente de normatização e critérios de seleção e adequação desta em conformidade com as regras gramaticais. Se por um lado a escrita desde muito tempo teve como elemento fundamental registrar a realidade humana por outro lado a forma de registrar essa realidade começa a estar circunscrita em profundas transformações de natureza interativa dessa escrita. Isso fez com que algumas implicações pedagógicas redimensionassem o “fazer” e o “dizer”. Nesse processo a escrita deixa de ser espontânea para ser planejada de modo que o fazer e o refazer possuem um elo indissociável.

A escrita mais do que uma forma de materialização da linguagem é uma atividade interativa de expressar por meio de um recurso gráfico, a própria palavra

expressão (ex-, “para fora”), conforme ressaltado por Antunes (2003), revela-se como uma forma de verbalizar as informações, as idéias e tudo o que procuramos partilhar com outrem. Essas informações partilhadas se fazem por meio de normas gramaticais desde aquilo que se configura na superfície do texto até aquilo que se configura em sua profundidade.

Desse modo o texto escrito pode ser analisado a partir de seu conteúdo e de sua forma. Entendemos como forma o que está na superfície: ortografia, acentuação, pontuação, parágrafo e dentre outros aspectos. Já quanto ao conteúdo, a profundidade do texto, compreendemo-lo como a coerência e a clareza textual, de modo que o texto seja redigido de forma concisa ao passo que o aluno/autor seja capaz de transpor para a produção textual o posicionamento crítico e visão de mundo que detém sobre diversos assuntos que norteiam o seu contexto social durante o processo de escrita.

Evidentemente, a atividade escrita dada a sua importância enquanto mediadora entre o sujeito e o exercício da cidadania instaura-se como uma atividade pedagógica de ensino da Língua Portuguesa nas salas de aula. Partimos do pressuposto de que “escrever é produzir conhecimento, ensinar a escrever é inserir o aluno na produção histórica do conhecimento.” (GUEDES e SOUZA, 2005, p. 146).

A produção textual é bastante corriqueira no ambiente da sala de aula; entretanto, esbarramos com a realidade de que os alunos afirmam “não ter o que dizer” ao ser interpelado a fazer uma atividade de escrita. Sob este aspecto, Antunes (2003) cita Millor Fernandes, o qual salienta que *para fazer uma frase de dez palavras são necessárias umas cem*. Por isso é preciso que o aluno saiba o que dizer, isto é, que tenha conhecimentos prévios acerca do assunto que pretende discorrer em sua produção escrita.

Para tanto, conforme salienta Antunes (2003), cabe ao professor ao solicitar uma produção de texto, empreender uma atividade prévia para tal tarefa; haja vista que quando o aluno diz que não sabe o que dizer não é porque faltam palavras e sim porque faltam informações. O interessante seria que o docente empreendesse junto ao aluno um estudo ou trabalho de pesquisa para que assim o aluno tenha as informações necessárias acerca do tema proposto para a atividade de escrita para então pedir a realização do trabalho.

Dentro dessa mesma perspectiva destacamos também que *quem escreve na verdade, escreve para alguém, ou seja, está em interação com outra pessoa*. (ANTUNES, 2003, p. 46). No tocante a este ponto não podemos negar a importância de

um referencial no momento da escrita, pois o escritor tem de pressupor um leitor, este é o seu ponto de referência facilitando a escrita; tendo em vista que saber para quem escrever é também, saber como escrever. Em um âmbito mais profundo é possível conceituar o momento da escrita como um ato eminentemente social.

O ensino/aprendizagem da língua está fortemente concatenado com o trabalho de produção de textos. Essa é uma questão que favorece o diagnóstico do desempenho estudantil frente ao domínio da língua escrita. A este respeito citamos Brito (2001) que afirma que a redação escolar acaba suscitando debates e opiniões que apontam que *o estudante não sabe escrever porque não lê*. (p.117). É evidente que o problema existe e é neste ponto que Brito sustenta sua discussão no intuito de descobrir a causa da inadequação do texto ao ambiente de produção.

O texto pressupõe uma relação entre um EU e um TU, ou seja, a linguagem possui essencialmente um caráter interlocutivo. Contudo, a escola é vista como o maior ou até mesmo como o único interlocutor do aluno. Na produção de texto o leitor é tão importante quanto o escritor, haja vista que o leitor dá vida à escrita e tudo é pensado em função de um interlocutor, seja ele real, imaginário, coletivo ou individual. Quando o escritor pressupõe o seu leitor este sabe por qual viés transitará a sua escrita; sabe o que dizer e como dizer.

Diante disso é possível compreendermos que o interlocutor tem um papel fundamental na relação dialógica com o texto. Embora isso seja de crucial importância no processo de escrita o aluno ao identificar a escola como seu único interlocutor e ao tomar ciência que será avaliado se “obriga” a escrever dentro de uma exigência de normas que acredita estar de acordo com o crivo do bom gosto almejado pela escola.

A análise e discussão deste assunto apontam para um aluno que escreve de acordo com aquilo que por ventura o professor – interlocutor privilegiado – se sentirá satisfeito com a produção e atribuirá uma nota que também satisfaça o aluno. Neste sentido a partir dos estudos de Brito percebemos que o fator preocupante nesses apontamentos reside no modo pelo qual a escola trabalha o texto na sala de aula bem como quais são as concepções de linguagem presente no espaço escolar. Diante de tais idéias é necessário,

Tentar identificar os elementos que subjazem e dirigem a produção do texto escolar, caracterizando o quadro de suas condições de produção (...). Nesse sentido, a identificação de procedimentos e recursos lingüísticos utilizados pelo estudante é importante, na medida em que eles ajudam a elucidar as condições de produção da redação escolar. (Brito, 2001, p. 118).

É possível verificarmos a existência de um fator desconexo que se enraíza na organização sintático-semântico com a real reflexão que o aluno detém sobre o tema. Assim, o aluno tenta seguir um modelo de linguagem culta e escreve enunciados desarticulados entre si e distante do conhecimento que o mesmo possui sobre o assunto.

Sob o ponto de vista de Brito (2001) a grande problemática está no fato de que a escola privilegia as regras de uso de uma modalidade culta e o aluno busca adequar sua linguagem a este quesito privilegiado pela escola. Isso faz com que o aluno utilize um vocabulário que não se encaixa na sua produção. É muito comum o uso de palavras e frases de grande efeito como se isso bastasse para enriquecer sua argumentação.

O estudante tem a necessidade de "encher" (de certa maneira e certo espaço), isto é, de mostrar que está dizendo alguma coisa, mesmo que não tenha nada para dizer; na tentativa de tornar "culta" a redação, recruta os recursos que o obtém a partir da imagem de língua que constrói dentro da situação específica em que se acha. (p.122).

O aluno tem dificuldade em operar as palavras no texto tais como os conectivos, conjunção e subjuntivo. Em suma, o aluno nega a sua capacidade oral de se expressar e ilusoriamente toma de termos lingüísticos que desconhece o seu significado e sua forma de uso. Devemos estar atentos quanto à imagem que o aluno faz de seu interlocutor de modo que em grande parte a preocupação do estudante não é mais o texto, sua reflexão sobre o tema ou sua capacidade argumentativa, e sim uma preocupação em impressionar o professor com uma redação "bonita", com palavras "ricas" e diferentes de seu cotidiano lingüístico.

O professor interlocutor privilegiado se apresenta ao aluno como intimidador e destrói sua capacidade de se tornar sujeito de seu texto. Face ao exposto o ato de escrever torna-se algo ameaçador, o qual o aluno recebe esta tarefa bem mais como um fardo do que como um prazer.

O processo de construção de redação é uma disputa (não uma integração) constante entre a competência lingüística do estudante (basicamente oral, não-formal e desescolarizada) e a imagem de língua escrita que cria a partir da imagem do interlocutor e de interlocuções privilegiadas. (Brito 2001, p.125).

Tudo isso produz um abismo entre a linguagem e a função social que deveria desempenhar, pois o aluno constrói uma linguagem meramente artificial que apaga toda

a sua capacidade lingüística em redigir textos inteligíveis que o faça exercer o seu papel de cidadania tornando-se sujeito de seu discurso. A própria condição escolar caminha a produção de texto para esse caráter artificial, o qual está profundamente enraizado de modo que seu resultado final está muito longe de ser o ensino/aprendizagem da língua.

Conceber o texto como parte do conteúdo de ensino de língua portuguesa é antes de tudo, refletir sobre as práticas de leitura e produção desse objeto de ensino. De acordo com Geraldi (1997) o aluno deve ter um compromisso de assumir-se sujeito diante de sua formação discursiva. Deparamo-nos com textos advindos de meras reproduções e textos verdadeiros.

Neste aspecto quando o aluno se movimenta para uma reprodução este não se afirma enquanto sujeito e não agrega sentidos novos a sua produção, isto porque não constrói um discurso que materialize a sua visão de mundo. Embora isto aconteça é necessário que o estudante produza um discurso fortemente arraigado numa razão maior de seu discurso, é preciso produzir textos verdadeiros e que,

- a) se tenha o que dizer;
- b) se tenha uma razão para dizer o que se tem a dizer;
- c) se tenha para quem dizer o que se tem a dizer;
- d) o locutor se constitua como tal, enquanto sujeito que diz o que diz para quem diz (ou, na imagem wittgensteiniana, seja um jogador no jogo);
- e) se escolham as estratégias para realizar (a), (b), (c) e (d). (p.137).

Ao traçarmos o texto enquanto objeto de ensino, torna-se possível a observação de que na escola ocorre muita escrita e pouco discurso isso se deve ao fato de que a atividade textual na escola é em sua maioria ilustrativa, isto é, uma forma de ilustrar verbalmente o que dizem as imagens.

Os alunos não são preparados para escrever, apenas para reproduzir, isto vem desde as fases iniciais de ensino ao passo que o trabalho pedagógico que gira em torno da alfabetização e/ou séries iniciais estão concatenados ao uso de um recurso didático que "enxerga" a escrita como uma forma de ilustrar a gravura; esta questão torna-se verossímil diante do material de estudo utilizado em sala de aula. Nesse sentido a cartilha apresenta ao aluno um mundo verbal e não-verbal; entretanto, o verbal é trazido apenas como um meio de representação do não-verbal, isto é, as ilustrações presentes na cartilha se mostram com uma forma representativa da escrita.

Em um âmbito mais profundo a escrita da forma como se apresenta na cartilha esbarra num fator que anula o sujeito, pois muitos trabalhos de produção textual

proposto por estes materiais, partem de uma gravura qualquer em que os alunos elaboram uma escrita redimensionadas nessas imagens, e isso anula a capacidade criativa do aluno, pois tanto em cartilhas quanto em salas de alfabetização encontramos objetos que apontam para uma escrita que o designa enquanto imagem e/ou gravura.

Neste aspecto é notória uma MESA (objeto) com um papel do lado escrito mesa, e assim por diante. Isto revela que a primeira experiência que o aluno tem com a escrita é superficial, e a própria escola é mediadora dessa experiência que caminha a contra-senso do objetivo de aprender a escrever, no máximo seria aprender a representar com palavras aquilo que dizem as imagens.

Produzir um texto é o momento em que o aluno exercita a sua capacidade lingüística em se posicionar frente a um determinado assunto que perpassa a sociedade. Contudo, o próprio ambiente escolar apaga a capacidade argumentativa do aluno e depois tenta recuperar e contornar este deslize ao cobrar do aluno que seja sujeito do discurso que enuncia. Temos nessa contradição, nesse espaço de interação escolar, um aluno que está construindo sua capacidade lingüística e o seu primeiro ponto de partida é justamente ver esta capacidade ser apagada e subjugada pela prática docente e mais tarde ser cobrado por algo que não aprendeu.

A proposta de produção de texto na escola transita por uma característica que destrói a capacidade inventiva do aluno, que se dá quando o professor solicita uma produção a partir de um "modelo" de escrita. Esta questão pode ser percebida em materiais didáticos que trazem exercícios com a seguinte intitulação: *sigam o modelo*. Isto contribui para uma escrita superficial, visto que o aluno apenas reproduzirá aquilo que está no modelo relegando a segundo plano toda a sua criatividade.

Nestes termos, temos mais uma pedagogia da facilitação do que uma pedagogia da construção do conhecimento e isso faz com que questionemos a relevância do texto na escola, isto é, da forma como se apresenta. Portanto, antes mesmo de se afirmar que o aluno não sabe escrever deve-se indagar se a escola soube ensinar.

É sob essa ótica que o professor precisa ambientar a prática da escrita escolar ao passo que pontue a necessidade de escrever com um objetivo, para que a escrita não se transforme em algo fútil e banal, e sim, que esteja fundamentada no propósito de comunicação o qual pressupõe um interlocutor.

Como lembra Antunes (2003:48);

Socialmente, não existe a escrita "para nada", "para não dizer", "para não ser ato de linguagem". Daí porque não existe em nenhum grupo social, a escrita de palavras ou de frases soltas, de frases inventadas, de textos sem propósito, sem a clara e inequívoca definição de sua razão de ser.

Dessa forma, vislumbramos nesse contexto a possibilidade de *aprender e ensinar com textos de alunos* no propósito de alcançar uma maturidade frente ao ato de escrever internalizando a ideia de que a escrita se fundamenta enquanto um conjunto de regras gráficas etimologicamente impostadas aos padrões da escrita. Pelo exposto, consideramos de grande valia o ato de "passar a escrita a limpo" - termo tradicionalmente usado no ambiente escolar no intuito de eliminar as rasuras.

O trabalho de produção de texto possui essencialmente várias etapas que vai desde a atividade prévia para a escrita até a higienização do texto, ou seja, é o momento em que o aluno revê sua escrita e busca organizar as ideias. Este fator é de crucial importância para o sucesso ou fracasso do ensino da língua através de produções textuais.

Deste modo com a evolução da escrita e o modo de pensar sobre a escrita, esta por sua vez alcança na contemporaneidade a dimensão de higienização, isto é, uma limpeza textual que se faz relevante não somente no propósito de eliminar as rasuras, mas no intuito de rever os conceitos e ideias até então colocados no papel.

É o momento de olhar agora não mais enquanto escritor mas enquanto leitor da própria escrita se as informações procedem e se estão dispostas da forma mais coerente possível garantindo a compreensão daquilo que fora escrito. Em suma, é fazer uma leitura com o propósito de avaliar a própria escrita.

A partir do momento em que o professor trabalha com a reescrita na sala de aula este oportuniza ao aluno um momento para rever os erros ao mesmo tempo em que pode direcioná-lo para a utilização de uma linguagem adequada para aquele contexto de escrita. O texto na sala de aula torna-se um meio eficaz para uma abordagem gramatical pois o ensino de regras gramaticais partirá de exemplificações reais e concretas do uso da língua.

Sobre este assunto é necessário distinguir-se que a higienização de textos somente alcançará seu real objetivo se ocorrer de forma participativa, numa mútua relação entre professor e aluno. Pois,

(...) O aluno, solitário diante de seu texto, é levado a limpá-lo ortograficamente, numa atitude esvaziada de reflexão sobre a escrita e sobre

sua condição de autor, uma vez que essas duas instâncias são colocadas à margem do processo de reescrita. Ainda que o aluno tenha aprendido que é “carnaval” e não “carnavau”, só isso não o torna capaz de redimensionar a palavra em seus contextos de uso e adequação. (GERALDI & CITELLI, 2004, p. 103).

Os autores citados trazem em seus trabalhos uma discussão crítica quanto à metodologia utilizada pelos professores diante de uma produção textual, para tanto, se propuseram a analisar a forma como uma determinada escola trabalha com questões ortográficas os quais tiveram como resultado apenas uma higienização solitária que nada constrói e nada ensina ao aluno. Tal trabalho desenvolvido por Geraldi e Citelli, nos motivou a embrenhar pelo mesmo caminho, ou seja, de não pautarmos somente em teorias, mas sim, buscar compreender se tais teorias materializam-se nas produções textuais. Por isso utilizaremos das palavras destes autores para sustentar nossa problemática: Os alunos são *capazes de redimensionar a linguagem em seus contextos de uso e adequação?*

II – A Língua Portuguesa na era digital

A comunicação social ao longo do tempo, passou por intensas evoluções até culminar numa linguagem escrita nos ambientes virtuais. Esse tipo de linguagem instaura-se nos espaços da internet como em sala de bate-papo, orkut, Messenger, blogs e outros que no ciberespaço acabam perdendo as formas padrões da ortografia.

A era digital transformou de forma radical a comunicação escrita tendo em vista que surgiram novas formas discursivas e gêneros textuais que inserem significativamente no contexto comunicativo onde o computador interligado à internet transformou-se numa ferramenta eletrônica de grande alcance social. Todavia, o computador em sua criação inicial, apresentava-se como uma versão simplificada daquilo que se pontua na atualidade. Dentro desta perspectiva Eduardo Chaves (2001:45) tece algumas considerações sobre a evolução desse instrumento tecnológico.

O computador foi criado originalmente para manipular apenas números: para fazer cálculos complexos como os exigidos para determinar trajetórias balísticas. Subsequentemente passou a manipular informações textuais, depois de convertê-las internamente em dígitos numéricos binário. Com a digitalização do som e da imagem estática ou em movimento, o computador passou a manipular com a mesma facilidade informações numéricas, textuais e visuais, que a meu ver, é uma grande evolução, uma mudança quantitativa produzindo uma mudança qualitativa (...).

Conforme as argumentações de Eduardo Chaves o que era apenas uma simples máquina de calcular alcançou a dimensão de fonte de acesso ao conhecimento, entretenimento e negócios. Uma vez conectado à internet podemos ter acesso às informações disponíveis na rede. Assim, o século XXI se apresenta como um “universo” totalmente transformado pelas possibilidades tecnológicas de modo que o computador revolucionou intensas mudanças no comportamento social ao passo que oferta com conforto e comodidade um mundo de informações vista pela tela do computador via internet. Essa invenção tecnológica tem por função facilitar o acesso e trocar informações de forma rápida e precisa, pois a era digital encurta a distância entre as pessoas e o desenvolvimento sociocultural.

Sobre este aspecto é possível observarmos as mudanças sociais que se deram a partir do surgimento do computador e todas as ferramentas de comunicação instaurada pela internet. Nesse contexto surge uma linguagem paralela às normas ortográficas da Língua Portuguesa em que a linguagem da internet confere à comunicação escrita

características peculiares de uma nova linguagem que se faz a partir de elementos imagéticos, simbólicos e fonéticos que se instauram no cerne da CMC (comunicação mediada pelo computador). Nesse viés Caiado (2005:40) cita Santo (2003), que por sua vez, apresenta uma lista de algumas estratégias usadas pelos internautas para se comunicarem via linguagem virtualizada.

Sons das letras iniciais das palavras associadas a símbolos matemáticos: D+;
Escrita consonântica: bjs, td, tb, mt;
Expressões reduzidas a três letras: fds;
A letra k substituindo o dígrafo qu: akeli, aki, esqueceraum, daki;
Subtração de vogais mediais: qm, qnd, tbm.

Face ao exposto na internet a linguagem constitui-se por abreviações de palavras que se faz justamente pela rapidez e agilidade em que as informações são transmitidas. Isso estimula as práticas de comunicações ao passo que reflete uma linguagem que usa de recursos da oralidade no contexto de comunicação escrita.

A este aspecto temos que considerar que na civilização contemporânea as práticas sociais de comunicação fundam-se nas relações entre oralidade e escrita. Há muitas décadas o uso da língua esteve profundamente mergulhado numa falsa dicotomia que trazia de forma estanque a língua escrita enquanto superior à língua falada.

Apesar de se estabelecer essa relação dicotômica hoje é possível compreendermos que a fala e a escrita mantêm uma relação estreita entre si e o que há muito tempo foi marcado como diferentes na atualidade constatamos a inter-relação dessas práticas comunicativas. É neste ponto que levantamos uma discussão sobre a questão de que na linguagem virtual ocorre uma imbricação da fala e da escrita; por isso tanto no ambiente virtual quanto no ambiente de comunicação social a linguagem oscilam entre essas duas modalidades.

Conforme considerações feitas nos estudos de Marcuschi (2005), acreditamos que a concepção de língua e de texto deve ser vista além da perspectiva dada pela sociedade, a qual acredita no *mito da supremacia social e cognitiva da escrita sobre a oralidade* (p.10). A esse respeito cabe-nos considerar que um discurso torna-se adequado quando este se adequar às práticas e ao meio a que se destina a interação verbal.

Dentro deste enfoque, surge uma questão muito debatida nos dias atuais que é a comunicação escrita via internet; esta por sua vez cria um modo de comunicação com características que oscilam entre a oralidade e escrita. Esse fator faz com que os textos

da comunicação on-line não seja exclusivamente oral e nem exclusivamente escrito, pois, ocorre nesse espaço de comunicação um gênero textual que se entrelaça na fala e na escrita simultaneamente.

As produções discursivas nas salas de bate-papos da internet ocorrem em tempo real assim como as práticas comunicativas comuns e naturais do dia-a-dia que a própria situação faz com que os interlocutores venham a aderir um discurso informal que se constrói nos contextos sociais da vida cotidiana.

O computador bem como a era digital em si viabiliza a construção de textos escritos mesclados pela oralidade. Em tais ocasiões, surgem novos gêneros textuais e novas formas comunicativas, contudo, o que deve preponderar em tudo isso é a relação entre texto e contexto; visto que para cada momento discursivo existe uma maneira de enunciar o discurso.

(...) mais urgente (e relevante) do que identificar primazia ou supremacias entre oralidade e letramentos, e até mesmo mais importante do que observar oralidade e letramentos como simples modos de uso da língua, é a tarefa de esclarecer a natureza das práticas sociais que envolvem o uso da língua (escrita e falada) de um modo geral. Essas práticas determinam o lugar, o papel e o grau de relevância da oralidade e das práticas do letramento numa sociedade e justificam que a questão da relação entre ambos seja posta no eixo de um contínuo sócio-históricos de práticas. Esse contínuo poderia ser traduzido em outras imagens, por exemplo, na forma de uma gradação ou de uma mesclagem. Tudo dependerá do ponto de vista observado e das realidades comparadas. (MARCUSCHI, 2005, p.18).

A modalidade escrita e a modalidade oral possuem regras e normas que se formam no interior dos processos sócio-comunicativos. Desse modo tais considerações vêm de encontro com as dicotomias imanentes dessas duas modalidades linguísticas. Isto é, nesta perspectiva a língua falada e a língua escrita são divididas e concebidas como manifestações distintas. Assim, a fala é designada como informal e a escrita como formal; de um lado uma língua sem regras e de outro uma língua permeada por regras gramaticais que normatizam o seu uso linguístico.

A formação dessas dicotomias dá-se por uma visão empírica sobre o caráter comunicativo social. Contudo, os estudos que se fundamentam em torno deste assunto tendem a fazer com que essa visão se desfça e seja rejeitada. Nesse sentido, temos que a fala e a escrita são diferentes, mas não em termos ou grau de superioridade ou inferioridade. Essas diferenças se fixam no cerne dos recursos utilizados na comunicação oral e escrita.

Na fala a linguagem se dá através dos sons, dos gestos, dos movimentos corporais, visuais, faciais e dentre outros recursos. Tudo isso contribui para a compreensão geral da comunicação. Já na escrita os recursos utilizados são outros tais como tamanho e cor da letra, pontuação, uso de conectivos e adjetivações no intuito de dar ênfase ao enunciado. É nesses aspectos que a fala e a escrita são diferentes.

Ao percorrermos este caminho adentramos num fator importante quanto à linguagem virtual; nesta os recursos da oralidade estão fortemente enraizados e ela se constitui através de um modo de comunicação bastante corriqueiro nestes ambientes. É neste contexto que compreendemos o uso dos emoticons, haja vista que este se faz do mesmo princípio que os recursos utilizados na fala. Ou seja, expressar emoções, sentimentos, em cada gesto, em cada movimento que apontam para o lado emotivo da comunicação.

A este aspecto é importante ressaltar que assim como a linguagem tradicionalmente regida pelas normas de uso língua a linguagem virtual também possui suas condições de produção, isto é, a mesma se pauta tanto na formalidade quanto na informalidade. Esta questão se faz conforme o grau de intimidade entre os interlocutores, visto que, em uma escrita virtual no MSN e/ou E-mail, esta pode sofrer variações conforme as diversidades das situações em que a Língua Portuguesa for utilizada.

Assim, a prática linguística na internet compreende as situações sócio-comunicativas, bem como, é mediada por escolhas conforme a imagem que este faz de seu interlocutor. Em suma, a linguagem virtual também carrega as marcas da diversidade cultural, social e do grau de formalidade e informalidade entre os falantes.

Face ao exposto é relevante ressaltar que o uso de abreviações e o uso de emoticons, ocorrem com maior intensidade em escrita que se inserem em ambientes descontraídos sendo que em ambientes formais o internauta busca ser condizente com a linguagem no intuito de se adequar ao efeito de sentidos que são pretendidos com a linguagem.

Além das condições de produção, a linguagem virtual “toma” do lugar da fala e a materializa na escrita através de imagens e gravuras que simbolizam os recursos da oralidade que por sua vez tem como recursos básicos a realidade sonora imbricada nos movimentos gesticulados para fins expressivos e comunicativos. Sob este aspecto Araújo (2007:83) afirma que,

Os internautas contam com as imagens, provavelmente pensados pelos engenheiros de *softwares*, para simular características de um bate-papo presencial dando aos *chats* características de hipertextualidade. (...) as imagens e os emoticons cumprem a mesma função dos gestos e atitudes próprios de uma interação face a face para a esfera eletrônica.

A linguagem criada na e pela internet revela características ortográficas que se divergem da ortografia regida pelas normas e regras da Língua Portuguesa conforme tradicionalmente pensada e concebida uma vez que se caracteriza por uma liberdade de comunicação onde a escrita se constrói a partir de elementos que se configuram na fala. Decorre dessa questão uma forma de reproduzir o fonema das palavras de modo que “aqui” vira “aki”. Nesse contexto, o leitor materializa na escrita os sons da linguagem oral.

Na oração: - “Og v6s naum tm 9da10?”, se confirma a ideia oral se instaurando na linguagem escrita. Fica claro que os internautas criam uma nova linguagem partindo da fonética da língua padrão, pois aos moldes tradicionais cercado por convenções gráficas e regras de uso da língua diríamos “-Hoje vocês não têm novidades?”. Essa linguagem virtual contribuiu para alargar as mudanças comunicativas na sociedade contemporânea em especial entre os internautas, de modo que constroem uma interação verbal sem buscar auxílio na ortografia que se postula nas regras gramaticais da língua.

As palavras pronunciadas são ouvidas e internalizadas. Com a escrita, precisa-se de outro sentido: a visão. As palavras não são mais ouvidas, mas vistas; entretanto o que se vê não são as palavras reais, mas símbolos codificados, que evocam na consciência do leitor palavras reais; o som se reduz ao registro escrito. (FREITAS e COSTA, 2005, p. 13).

Essas mudanças que se postulam na maneira dos internautas se comunicarem são favorecidas pelo crescente número de adeptos à linguagem virtual mediada pelo computador; pois no Brasil, estima-se que existem mais de quinze milhões de usuários trocando mais de quinhentos milhões de mensagens diariamente através do comunicador instantâneo da MICROSOFT (MSN). O internauta brasileiro é campeão mundial no ranking de navegação pela internet. Essa grande abertura à comunicação é responsável pela criação de um novo modelo de linguagem utilizada pelos interlocutores virtuais. Contudo, o usuário do computador não fica restrito ao ambiente virtual, haja vista que é socialmente ativo e transita pelas diversas esferas sociais principalmente à esfera educacional.

A dinâmica da internet pressupõe um internauta que se comunique de acordo com o tipo de linguagem que se vincula nesse meio virtual relevando assim que este tem o domínio e acesso a linguagem que permeia essa tecnologia. Nesse fato reconhecemos um internauta que ao assumir a linguagem virtual insere-se no contexto sócio-comunicativo em que se encontra. Na verdade se o usuário entrar numa sala de bate-papos e utilizar uma linguagem condizente com os padrões de norma culta da língua isto pode evidenciar que o mesmo não tem muito acesso ao computador ou não está acostumado com esse novo modelo de linguagem que se vincula na internet.

Ao tratar este tema ecoa ao fundo uma indagação insistente: Onde, como e porque surgiu a linguagem virtual? A primeira linguagem virtual que a história registrou surgiu em 19 de setembro de 1982, nesse contexto os emoticons a princípio inscrito num rol de piadas, passaram a se fixar como um signo de comunicação mediado pelo computador. Dessa forma a primeira mensagem com a presença dos emoticons resultou-se de uma proposta de Scott Fahlman circunscrita em um Bulletin Board, onde lançou um questionamento sobre o que aconteceria com objetos postos em um elevador se por ventura o cabo deste elevador fosse cortado; a intenção era que os alunos de física construíssem enunciados que fossem vistos em tom de brincadeira.

Assim, os estudantes de física pretendiam fazer com que os internautas participassem do experimento, contudo, o que ocorreu com certa dificuldade. Pois quando um texto apresenta caracteres advindos da linguagem virtual ocorre uma duplicidade de sentidos onde o enunciado sério adentra num espaço humorístico quando usa de recursos gráficos relativo à linguagem da internet. Obviamente, que muitos usuários ficaram confusos pois se o texto fosse sério não haveria qualquer possibilidade de marcá-lo com tais recursos gráficos, por isso a experimentação dos estudantes de física foi levada em tom de brincadeira.

Em um determinado momento da interação, um dos usuários aponta para o caráter humorístico do "problema" apresentado, indicando que houve uma percepção errada sobre o que devia ser considerado o experimento verdadeiro. (...) Logo, ficou clara a necessidade de se distinguir o que devia ser levado a sério e o que era simplesmente uma gozação. (ARAÚJO, 2007, p.67)

A ideia de usar os emoticons um recurso imagético presente na linguagem de blogs, MSN e orkut, foi justamente fazer com que uma representação gráfica denotasse sentimentos humanos como: felicidade, tristeza, espanto, indiferença e dentre outros,

que é justamente um recurso presente na fala onde esses sentimentos podem ser contemplados a partir dos gestos e expressões faciais dos interlocutores. De toda forma os recursos gráficos marcam-se como denotação de humor, brincadeira e informalidade, fazendo com que tais signos virtuais não se encaixassem com perfeição num ambiente de linguagem formal.

Deste modo, os contextos de informalidade foram a mola propulsora para o surgimento das “carinhas eletrônicas” chamadas de emoticons que por sua vez se propagaram rapidamente pelo universo virtual a partir de sua primeira aparição protagonizada por Scott Fahlman em 1982. A rápida propagação fez com que as “caracteretas” – nome usado para se referir as figuras circunscritas no meio virtual – evoluíssem, aumentando assim, o número de recursos gráficos que circulam pela rede. Esse fato pode ser facilmente comprovado numa interação on-line em que seus interlocutores sejam adeptos a este universo de linguagem.

Os recursos utilizados pelos internautas também se expandiram, isto é, não ficou restrito somente às imagens que simbolizam os recursos da oralidade já que outros signos passaram a incorporar a escrita dos internautas. Desse modo fez-se necessário a criação de um dicionário de linguagem virtual o qual recebeu o nome de Dicionet. A história da linguagem do ciberespaço iniciou-se em Portugal, em um período em que a internet não era ainda popularizada, já que existia um número bem reduzido de fornecedores; apenas três empresas forneciam acesso a internet tais como: Telepac, Esotérica e Puug. Foi justamente nesse rol de acontecimento que surgiu o Dicionet; um dicionário de linguagem que se inscreve num ciberespaço, fruto de um projeto iniciado na web.

O Dicionet a princípio, tinha como objetivo tornar a compreensão da ‘língua’, que se vinculava na internet o mais simplificado possível. Entretanto, esse dicionário era apenas para que o internauta iniciante tivesse alguns direcionamentos de como utilizar a tecnologia. Mas o que seria apenas um dicionário de vocabulário tecnológico de transformou em dicionário de linguagem virtual.

Em 1997 surgiu a primeira versão impressa do Dicionário de linguagem do ciberespaço, nesse sentido o internauta podia contar com um guia de bolso para se comunicar com os outros internautas na rede. Tem-se, desse modo, regras de como proceder a uma conversação na internet.

O livro Dicionet já em Português e publicado em São Paulo, traz mais de 600 termos relacionados com a internet pontuando a linguagem desse meio virtual como algo que pode estruturar-se e enraizar-se no contexto de comunicação escrita.

Um aspecto interessante que não pode ser esquecido é que a linguagem virtual não se resume a apenas à configuração do som na escrita, haja vista que a questão é bem mais abrangente do que se possa imaginar. A velocidade em que surgem tais mudanças se equiparado com a adesão social aos avanços tecnológicos, constataremos que muitas das vezes a sociedade não consegue caminhar nesse ritmo veloz em que as mudanças ocorrem.

A comunicação escrita do meio virtual pode ser pontuada como uma linguagem divergente à ortografia que se inscreve de acordo com as regras e normas de uso da língua que na sua maioria, apresentam símbolos ininteligíveis principalmente quando o leitor dessa linguagem não for adepto às tecnologias de informação e comunicação bem como ao tipo de linguagem que se inscreve em tais meios tecnológicos invadidos pela comunicação on-line.

Essa linguagem simplificada constituída mediante um número reduzido de vogais também possuem suas regras para que essa dinâmica social ocorra de forma padronizada.

Ao navegarmos pela rede é possível encontrarmos ofertas intrigantes na qual inúmeros cursos são direcionados ao público internauta como curso de Inglês, Espanhol, Língua Portuguesa e oferecem, também, “curso de linguagem virtualizada”. O qual pode ser encontrado no site: <http://www.arlindo-correia.com/100602.html>. Nesse curso, o aluno/internauta terá acesso às principais expressões da escrita da internet dispostas em um “dicionário”.

Diante do percurso que percorremos nesta análise, podemos considerar que a linguagem virtual pode ser algo natural para quem a conhece mas complicado para aqueles que não são adeptos a este tipo de comunicação, haja vista que a linguagem virtual caminha para deixar de ser uma língua a serviço da escassez de tempo das pessoas para se transformar em modismo e se fundamentar em bases sólidas no instante em que ocorre uma padronização desse “novo dizer” a partir da criação de cursos e dicionários.

Se por um lado isso demonstra criatividade por outro lado, somos levados a refletir se esse fenômeno se legitima enquanto evolução ou digressão; principalmente porque fica claro a semelhança de comunicação entre os homens das cavernas com o

internauta de hoje. É sabido que o homem primitivo se comunicava através de imagens, evoluindo-se até se transformar numa junção entre figuras e símbolos fonéticos desprovidos de vogais.

Assim, isto evidencia sinais de semelhanças entre uma forma de comunicação e outra, a diferença que se pontua nesses contextos se pautam no quesito de que uma advém de um passado longínquo onde não se falava em tecnologia, enquanto que a outra se volta para um mundo norteado por mudanças e avanços tecnológicos, por isso nos ancoramos na ideia de que uma é a forma primitiva e a outra é a forma moderna, porém ambas partem do mesmo princípio.

No intuito de sustentar tal afirmação, podemos citar o escritor português José Saramago, o qual é autor do documentário: "Língua, vidas em português". O referido autor tece uma crítica à forma como a língua é falada e escrita na atualidade, contrapondo a forma com que nossos antepassados faziam uso da língua, isto é, de forma bela e requintada. Saramago consegue visualizar, ao fazer uma regressão há cinquenta anos atrás e comparando com os dias atuais mudanças profundas na maneira da sociedade se comunicar por meio da linguagem. Para o autor a sociedade em termos de comunicação está regredindo; chegará ao ponto em que iremos nos comunicar por grunhidos. Nesse contexto, José Saramago ressalta que o homem da atualidade chegará inclusive a ser confundido com o homem das cavernas.

Vale ressaltar que na crítica de Saramago o autor nem cogitava em referenciar a internet muito menos a linguagem virtual. Se o autor pensa desta forma sem sequer exemplificar a comunicação on-line o que este iria dizer se fosse interpelado pela linguagem da internet?

Essas novas tecnologias que despontam a cada dia como um avanço inerente à modernização social é palco de debates e discussões, fato que se torna contundente na fala de Sylvia Bittencourt (2005:02); professora de Língua Portuguesa e Literatura, pois em um texto publicado no jornal *santista* a mesma ressalta que *como tudo na vida, é preciso ter bom senso e saber a hora de usar as coisas*. Ao expor seu ponto de vista sobre a linguagem virtual - que pela autora é referenciada a partir do termo *internetês* - esta afirma que *só o tempo irá dizer quais os riscos que o internetês pode provocar na Língua Portuguesa padrão*. Em contrapartida, Elenice Rodrigues Lorenz - professora de Língua Portuguesa, Literatura e Produção Textual, diz que o maior problema não está na linguagem virtual e sim na falta de domínio que o falante tem diante da língua materna, isto conforme tradicionalmente concebida.

As pessoas não lêem, não procuram ampliar seu vocabulário, erram na regência e na concordância das frases e das palavras; têm dificuldade de conectar idéias e de interpretar textos (...) Não há condições de tolerar o desrespeito ao idioma, principalmente dentro da sala de aula. Uma coisa é usar gírias e internetês na informalidade e com amigos. Outra é levar esses vícios para toda a comunicação. (LORENZ, 2005, p.02)

É certo que pensar sobre a comunicação social faz com que voltemos nosso olhar no trajeto histórico no qual a comunicação está inserida. Nesse aspecto a educação enquanto mediadora entre o homem e a cultura centra-se no bojo de informação, conhecimento e aprendizado. Faz-se necessário compreender este tripé em todo o seu aspecto desde os assuntos mais triviais até os assuntos de grande clouquência.

A linguagem é de crucial importância para a interação entre os falantes deste modo é preciso que o corpo docente busque novas alternativas para trabalhar a linguagem virtual em sala de aula, haja vista que métodos antigos não conseguirão abarcar novas situações, isto é, não conseguirão acertar o compasso entre ambiente virtual e ambiente escolar.

III – Produções textuais na Escola: entre a escrita escolar e a escrita virtual

Historicamente o ensino escolar privilegia o estudo e uso da língua padrão nas modalidades escrita e falada numa visão monolítica, isto é, como fato único, homogêneo e acabado; instaurando a oposição entre “certo e errado”. Entretanto, esbarramos num fato incontestável: a língua não é uniforme, ela varia. Essa variação se dá de acordo com a divisão da sociedade em grupos diversos considerando as questões relativas de situação de uso da língua (falante/escrito, ouvinte/leitor, grau de intimidade entre si, nível de formalidade, objetivo textual, etc.); isso é fator determinante e condicionante para que os usuários da língua façam escolhas diferentes quanto a modalidade textual, palavras/expressões, estruturas sintáticas e dentre outros que se modificam conforme mudam as condições de produção.

Isso evidencia claramente *a distância entre a gramática veiculada pela tradição normativo-prescritiva e os usos reais em variação* (ANGELIN e SILVA, 2003, p.163); pois com o crescente número de veículos de comunicação crescem-se também as variedades de gêneros; levando-nos a visualizar que os gêneros textuais não são formas fixas que seguem padrões únicos mas se constituem como textos maleáveis que se realizam com o propósito de cumprir determinadas funções em situações de comunicações específicas.

O comportamento linguístico da sociedade mudou e os avanços tecnológicos são protagonistas dessa transformação; cria-se nesse sentido, no imaginário social, diferentes “brasis” construindo nossa cultura brasileira. Mas dizer isso é também dizer que adentramos num “momento de crise social”, depauperada por uma segregação social camuflada no discurso triunfante de inclusão social; pois muitas das vezes os alunos são educados para um mundo desaparecido, haja vista que o ensino tradicional afasta o aluno de sua realidade social.

Expõe a mercadoria!
Sempre que vou
Pela cidade deles
Atrás de um ganha-pão, alguém me diz:

- Mostra o que trazes contigo,
 abre em cima do balcão:
 expõe a mercadoria!
 - Conta uma coisa que nos empolgue!
 Fala da nossa grandeza!
 Descobre nossos segretos anelos!
 Indica-nos a saída!
 Expõe a mercadoria!

- Mistura-te conosco para sobressaíres,
 Mostra-te igual a qualquer de nós
 e nós diremos que és o maior!
 Nós podemos pagar, temos recursos
 e ninguém mais do que nós.
 Expõe a mercadoria!

Fica sabendo: nossos grandes preceptores
 são aqueles que ensinam o que queremos que ensinado
 Seja!
 Manda, enquanto obedeces!
 Dura, enquanto nos leva a durar!
 Entra no jogo conosco, vamos repartir os ganhos!
 Expõe a mercadoria! Sê leal conosco,
 expõe a mercadoria!

Quando lhes olho bem os rostos corrompidos,
 lá se vai minha fome...
 (BRECHT, 1996, p.15)

De acordo com este poema de Brecht, a todo o momento o aluno é cobrado a usar fluentemente a língua padrão do idioma conforme reza tradicionalmente a gramática normativa, desconsiderando a variedade linguística inerente ao meio que está inserido.

O discurso tradicional afirma que os alunos não sabem escrever, talvez seja porque o ensino tradicional não cabe mais nesta sociedade contemporânea. Por isso faz-se necessário que o docente seja professor dos diferentes brasis que se instalam na comunicação social. De acordo com Paulo Freire (1993:43),

(...) é preciso ousar, no sentido pleno desta palavra, para falar em amor sem temer ser chamado de piegas, de meloso, de acientífico, senão se anticientífico. É preciso ousar para dizer cientificamente e não bla - bla - blantemente, que estudamos, aprendemos, ensinamos, conhecemos com o nosso corpo inteiro. Com os sentimentos, com as emoções, com os desejos, com os medos, com as dúvidas, com a paixão e também com a razão crítica. Jamais com esta apenas. É preciso ousar para jamais dicotomizar o cognitivo do emocional. É preciso ousar para ficar ou permanecer ensinando por longo tempo nas condições que reconhecemos; mal pagos, desrespeitados e resistindo ao risco de cair vencido pelo cinismo. É preciso ousar, para dizer não à burocratização da mente a que nos expomos diariamente. É preciso

ousar para continuar quando às vezes se pode deixar de fazê-lo, com vantagens materiais.

Diante disso é preciso um novo olhar sobre o que há de novo no mundo. No tocante a esse ponto, constatamos uma nova linguagem criada nos ambientes virtuais, isso requer uma nova postura pedagógica para se adaptar a mais essa mudança na comunicação. Embora o ensino tradicional se paute no certo e errado é preciso romper com esse ideal pois temos que pontuar as formas de interação verbal e não-verbal como mais ou menos adequadas conforme o contexto de uso da língua. De modo que o bom senso é o que tornam os estudantes mais conscientes de suas ações linguísticas quando utiliza o saber coloquial e exercita a transformação em formas cultas. *É indiscutível que qualquer língua natural compõe-se de múltiplas comunidades de fala, que representam suas variedades no tempo e no espaço.* (ANGELIN e SILVA, 2003, p.163).

Assim ocorre com o novo vocabulário tecnológico um tipo de linguagem própria de comunidades de fala mediadas pela comunicação on-line. Tal linguagem não pode ser considerada como inadequada, uma vez que se circunscreve nos espaços virtuais. Porém, a grande problemática está na inserção da escrita utilizada nos ambientes virtuais dentro dos ambientes escolares.

De modo que a linguagem virtual deixou de ser apenas uma linguagem utilizada na internet para adentrar os espaços da sala de aula. O novo modelo de escrita pode até ser interessante no ambiente virtual, mas quando este adentra o espaço escolar gera conflitos de aprendizagens, pois o “esperado” seria que o aluno aprendesse a adequar a linguagem tanto escrita quanto oral ao seu ambiente de uso. Pois a criação dessa nova escrita distancia o aluno ainda mais desse aprendizado tornando o ensino algo distante da realidade cotidiana.

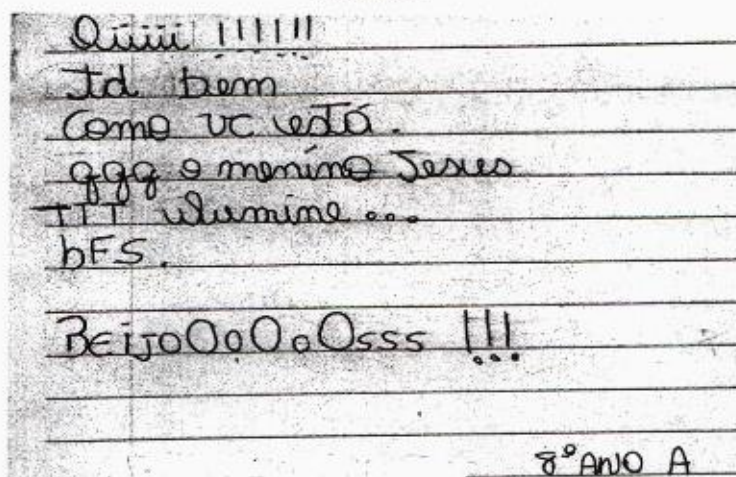
Ancoramo-nos na ideia de que o aprendizado da escrita se faz mediante uma memória visual. Muitas das vezes procuramos escrever uma palavra quando somos levados a lembrar de sua grafia, por isso da afirmação de que a aprendizagem é eminentemente visual. Entretanto, a nova linguagem criada na/pela internet revela-se como uma problemática a questão da grafia, haja vista que o internauta/aluno será bombardeado por grafias que se instauram tanto no ambiente virtual quanto no ambiente da sala de aula.

Esse bombardeamento de grafias fará com que a linguagem social transite por esses dois pólos de comunicações. Esse fator é o que nos motivou a analisar algumas

produções textuais para averiguarmos se a linguagem virtual pontua-se nesse ambiente formal de escrita.

O internauta faz uso de um vocabulário reduzido, criando uma nova linguagem bem como utiliza algumas expressões representadas por sinais gráficos, emotions e/ou gifs. Essa forma de escrever vem se incorporando aos textos escritos dos alunos, pois os mesmos não se atentam ao fato de que a linguagem configura-se como inadequada quando o ambiente também for inadequado. Na produção textual de um aluno da 8ª série, podemos constatar que o mesmo usa de uma escrita que se diverge da ortografia legalmente instituída pelas regras e normas da Língua Portuguesa.

Aluno A



Oiiiiii!!!!!!
 Td bem
 Como vc está.
 ggg o menino Jesus
 Ttt uuumine...
 bFS.
 BeijoOoOoOsss !!!
 8º ANO A

Nota-se que o aluno A produziu uma carta (gênero textual proposto pela docente) na qual é possível observarmos marcas de uma linguagem que se instaura no contexto virtual como, por exemplo, o uso da abreviação **td** que significa **tudo**, **vc** - **você**, **bfs** - **bom final de semana**. Ao analisarmos a produção deste aluno, percebe-se que o mesmo é adepto à TIC (tecnologia de informação e comunicação), fazendo uso de uma escrita que se configura na internet onde prepondera a redução de palavras e também o uso dos recursos da oralidade na escrita.

Como exemplo a esta questão, podemos citar a expressão: **Oiiiiii!!!!!!**, haja vista que o aluno dá ênfase tanto na pontuação quanto na quantidade de vogais, pois esta forma de se comunicar revela a questão de entonação, o qual ocorre na fala. Portanto, acreditamos que o aluno partiu deste mesmo quesito, ao materializar na escrita uma linguagem que demonstra afetividade, proximidade e intimidade. Assim também ocorre

em **Beijoooooooosss !!!**, em que claramente percebemos a ideia de imbricação entre as modalidades faladas e escritas.

O texto explicitado possui poucas informações em que o aluno se pauta na objetividade ao transmitir uma informação rápida. Isso faz com que possamos compará-lo com as mensagens que se vinculam no MSN, onde geralmente são curtas e possuem uma linguagem específica dessa comunidade de internautas.

Na produção do aluno A, percebemos que este escreve sem preocupação com as regras gramaticais, pois adere uma escrita virtualizada que se dá por um princípio informal e descontraído. Contudo, percebemos que essa informalidade projeta a escrita não para uma linguagem coloquial mas para uma linguagem própria do meio virtual.

Em outro texto, constatamos que o aluno B não usou de uma linguagem do ciberespaço para sustentar sua produção, embora pareça estranho isso nos causou bem mais preocupação do que o texto do aluno A recheado de uma linguagem advinda do meio virtual.

Aluno B

um dia importante
 Hoje é um dia ^{im} importante porque é o dia do aniversário
 do ^{um simples} ~~amigo~~ amigo.
 É o meu aniversário, eu queria ter um presente
 mas não tenho porque não tenho dinheiro. ^{me trouxe aqui}
 esse mundo tão lindo.
 Então eu te agradeço ^{agradeço} para o resto da minha vida.
 Obrigada

Deparamo-nos com uma produção livre de uma comunicação virtualizada que se faz num ciberespaço, mas averiguamos que ocorre um emaranhado de erros ortográficos e o que mais nos impressiona é quanto ao processo de correção empreendido pela própria docente ao marcar o texto do aluno com palavras e acentuações coerentes ao que é veiculado pela gramática normativa. Dessa forma o aluno não tem a oportunidade de

refazer o texto e procurar a forma adequada de registrar as informações veiculadas na carta.

O processo de higienização do texto é o momento em que o escritor/aluno tem a oportunidade de rever os erros e concomitantemente aprender com eles; pois o aprendizado se dá numa relação aluno e pesquisa, isto é, buscar as informações e não recebê-las prontas.

O texto mostra-se como um meio plausível para o ensino de regras gramaticais, pois partirá de situações reais de uso da língua. Pois, *centrar o ensino no texto é ocupar-se e preocupar-se com o uso da língua*. (GERALDI, 1996, p.71).

Diante do texto do aluno B, notamos um ensino tradicional ao passo que o docente não leva o aluno a pensar sobre sua escrita já que a refacção é feita pela docente sem atentar-se ao fato de que quem está em fase de construção do conhecimento é o aluno, por isso é este quem deve refletir sobre o que escreveu.

O ensino tradicional de Língua Portuguesa investiu, erroneamente, no conhecimento da descrição da língua supondo que a partir deste conhecimento cada um de nós melhoraria seu desempenho no uso da língua. Na verdade, a escola agiu mais ou menos como se para aprender a usar um interruptor ou uma tomada elétrica fosse necessário saber como a força da água se transforma em energia e esta em claridade na lâmpada que acendemos. Obviamente, há espaço para saber estas coisas todas e há aqueles que a elas se dedicaram e as sabem. Se precisar de uma informação, posso consultá-los. (...) Ninguém precisa tornar-se especialista em tudo! (GERALDI, 1996, p.71)

No ciberespaço a ortografia dos internautas perde todo o caráter normativo instituído legalmente à Língua Portuguesa; diante deste fator torna-se perceptível que as relações lingüísticas da sociedade vem se modificando ao passo que a era digital é mediadora entre as novas formas de manifestações da escrita e o sujeito internauta.

Com base na perspectiva de Caiado (2005) a linguagem que brota do gênero digital adentra os espaços de escrita do caderno, da agenda e blocos de anotações, e o que era uma linguagem teclada e vista pelo monitor do computador passa a ser uma língua que se interliga ao lápis e caderno de muitos adolescentes.

Esse é um novo modo de se lidar com a escrita. As questões ortográficas digitais, que brotam nesse contexto, vão de encontro ao que é proposto pela norma ortográfica vigente da língua portuguesa, devido a isso é uma preocupação constante para algumas instituições de ensino, professores, pais e alunos. Atualmente, como podemos entender a ortografia e a norma ortográfica da nossa língua? (CAIADO, 2005, p.37)

Segundo o ponto de vista de Caiado a escrita que antes estava nas teclas do computador foram parar na ponta do lápis e ao observarmos esta nova escrita esbarramos na ideia de que este fenômeno *desenha a base de um novo estilo de sociedade (...). Uma nova forma de nos relacionarmos com a escrita* (2005, p. 41).

Diante disso é importante que pais, professores e alunos tenham um olhar mais crítico quanto à transgressão ortográfica da Língua Portuguesa, no intuito de perceber se o adolescente escreve “errado” por que sofre influencia do meio digital ou porque não dispõe de uma compreensão satisfatória quanto a ortografia vigente em nossa língua. Seja qual for o resultado desse olhar crítico é imprescindível que a pense a língua não como algo estático mas como algo que se entrelaça à diversidade social e tal diversidade deve ser objeto de estudo.

A escola, que estuda a língua como fenômeno estático, direcionando o ensino para a sistematização das normas, deverá necessariamente abrir espaço para a diversidade, para a multiplicidade de interpretação dos signos, para as interações dos sujeitos-produtores e co-produtores dos significados. (CAIADO, 2005, p.40).

Nos últimos anos a escrita digital adquiriu um espaço considerável tanto na preocupação quanto no interesse dos estudiosos isto porque o comportamento social mudou, e com isso aumenta a responsabilidade da escola no trato e no ensino da linguagem ao aluno, pois de acordo com Caiado (2005) o adolescente que “transgride” a escrita canônica da Língua Portuguesa tem dificuldade em se adequar ao ambiente comunicativo do espaço escolar. Embora pareça que essa transgressão no mundo virtual ocorra de forma intencional a escrita escolar pode sofrer os reflexos dessa nova escrita que se faz na internet de modo que as normas ortográficas da língua podem ser relegadas a segundo plano.

A evolução humana é marcada pela evolução na comunicação. Diante disso o professor do século XVIII com preceitos tradicionais, visão homogenia e ideias arcaicas, fazem com que tal evolução também se estacione no século XVIII. No período em que atravessamos de mudanças tecnológicas e mudanças na comunicação, exige um novo tipo de professor o qual ouse não seguir o livro didático como se este fosse bíblia e seu conteúdo fosse sagrado; pois, mais importante do que aprender a gramática é oportunizar ao aluno o desenvolvimento de seu potencial lingüístico, sua capacidade

argumentativa, sua compreensão de mundo e expandir sua expressão verbal. Esses fatores são recursos eficazes na construção do exercício pleno da cidadania.

É necessário abandonar o ensino obsoleto que arrasta nossos alunos à um cenário educacional que muito ensina em termos de conteúdo e nada transforma em termos de aprendizado, haja vista que o aluno é levado a aprender algo sem saber onde, como e quando o aplicará em sua preparação para a sociedade do século XXI.

Visto por esse ângulo não nos causa nenhuma surpresa a avaliação feita pela SAEB – Sistema Nacional da Avaliação da Educação Básica; a qual revelou que os brasileiros são analfabetos funcionais, este fato foi constatado diante dos testes realizados na 4ª série da educação básica. Se a base da educação está falha o que devemos esperar dos alunos da educação fundamental em termos de interação verbal?

Esse fato é trazido com grande maestria por Castro num texto disponível no site <http://veja.abril.com.br>, o qual traz o conto de Rudyard Kipling Mogli – Os Meninos-lobo.

Nossa juventude estará mal preparada para a sociedade civilizada se insistirmos em uma educação que produz uma competência linguística pouco melhor do que a de meninos-lobo. (...) O nosso processo educativo deve se preocupar centralmente com as falhas na capacidade de compreensão e expressão verbal de nossos alunos. (...) O bem pensar quase que se confunde com a competência de bem usar as palavras. Nesse particular não temos dúvidas: a educação tem muitíssimo a ver com o desenvolvimento da nossa capacidade de usar a linguagem. Portanto o bom ensino tem como alvo número 1 a competência linguística. (CASTRO, Veja, acessado em 30/04/2010).

Segundo as argumentações suscitadas por Castro, compreendemos que todo o conteúdo ensinado na escola possui um objetivo que vai além do ato de informar, tendo em vista que corrobora para a expansão da capacidade linguística do aluno. Portanto a atitude do docente frente ao texto do aluno B resumiu-se em apenas informar a maneira “correta” de se expressar por meio da escrita, desconsiderando o fator primordial de competência linguística.

As produções textuais até então analisadas, revelam que o aluno possui grandes dificuldades para se inserir no mundo de palavras e delas fazerem uso; em especial em adequar-se as exigências impostas pela linguagem. Essa problemática se revela de forma contundente no texto do aluno C, apresentado a seguir:

Aluno C

DATA 22/09/09

Preconceito

Discriminação contra os negros, pois eu não gosto muito das pessoas pretas mais a minha família por parte da minha mãe são quase tudo pretos mas o meu pai a família dele são todo branco ainda bem que eu nasci branca mais eu não tenho muito preconceito dos meus amigos são pretos a minha falou que eu não para com essa coisa de chamar as pessoas de preto, macaco eu vou casar com preto que seja humilha de tão preto que e deus meus filhos vão ser preto que nem macaco eu não tenho preconceito com os pretos mas não quero os meus filhos pretos eu quero eles branco que nem eu. Não, não tenho preconceito contra os pretos porque você pode se apaixonar por um preto.

A produção textual desse aluno não se insere no mundo de escrita virtual ao passo que para elaborar tal texto, percebemos que o mesmo busca abrigo nos dicionários de Língua Portuguesa mesmo diante de alguns descompassos com as normas de uso da língua, ou seja, o aluno não fez uso da linguagem da internet na elaboração de sua produção textual. Mas, deparamos com algo realmente preocupante, pois o aluno não mantém uma coerência entre aquilo que pretende passar para o leitor com o que norteia seu posicionamento frente ao tema tratado.

O aluno tenta dizer que não possui preconceito quando o próprio preconceito se instaura em suas palavras. Torna-se visível que o aluno não detém de informações acerca do assunto uma vez que o tema é tratado a partir do senso comum em que as expressões das ideias revelam a posição ideológica ocupada pelo aluno. Esses elementos revelam que não houve uma atividade prévia para a escrita e que não revela um objetivo

maior que sustente tal produção, cujo trabalho se deu apenas pela razão de escrever por escrever.

Em outro momento de análise, tomamos como suporte o texto do aluno D, onde a linguagem adotada é a mesma explorada no meio virtual.

Aluno D

olá amigo fupsteriano tudo com vc estou escrevendo a vc está
certo e quero saber flu, como vc tá vi em fupster TDB
eu quero um estrutura flu assustador temebroso horrífico
com uma cena de laser e com intens parabólico pra ti fupster
fupster news television. se vc num quiser eu pag pra outros pois
preciso fz uma viagem para os mares de soterma, a blitiz de
monte mas ñ vai da trabalho pra lá deve ter muita gente
dt de estranha e vc ainda trabalha com zai fupster soterma
da gozim fupster e só flu d intet xda.

8º Ano Aa

Nesse contexto de escrita o aluno incorpora em sua carta as novas formas de comunicação ofertada pelos recursos tecnológicos.

Dentro desse conceito, podemos citar o texto produzido pelo aluno E, o qual também se movimenta em torno do tema preconceito, de forma que o aluno tece comentários que sinalizam para uma atividade sem planejamento.

A respeito disso implica considerar que a produção seguinte mostra claramente a dificuldade do aluno em discorrer sobre o assunto, principalmente por não conseguir manifestar de forma crítica e cientificamente seu ponto de vista; por isso insistimos na ideia de que é extremamente relevante conectar a atividade de escrita com a atividade de leitura.

Aluno E

O preconceito 

O preconceito é um tipo de racismo contra pessoas de diferentes, morenos, brancos e outras de muita raças e tipos...

Preconceito com as pessoas de diferentes coisa muito rara muitas vezes tem algumas pessoas de diferentes passando e as pessoas falam coisas que possam magoar e as vezes pode ficar mais diferente com os preconceitos de muitos

O preconceito com as pessoas moreno, brancos e de toda raça e muito acontecido no Brasil e no mundo mais isso pode mudar. a mídia está fazendo o trabalho dela as vezes prendendo muitos preconceitos

Preconceitos estão nas ruas, no trabalho, em casa, mas principalmente na escola muito antes no Brasil não existia preconceito a preconceito e a discriminação.

Elaborar um texto é tarefa bem mais complexa do que muitos professores possam tradicionalmente pensar é certo que o grande equívoco em desconsiderar a etapa do planejamento resulta em rotundos fracassos frente à competência linguística, pois;

É pela leitura que se aprende o vocabulário específico de certos gêneros de textos ou de certas áreas do conhecimento, e da experiência. É pela leitura, ainda, que aprendemos os padrões gramaticais (morfológicos e sintáticos) peculiares a escrita, que apreendemos as formas de organização seqüencial (como começam, continuam e acabam certos textos) e de apresentação (que formas assumem) dos diversos gêneros de textos escritos. A exposição pela leitura, é claro, a bons textos escritos é fundamental para a ampliação de nossa competência discursiva em língua escrita. (é bom lembrar que "bons textos" não são apenas os corretos gramaticalmente). (ANTUNES, 2003, p. 75ss).

Se por um lado deparamos com produções textuais marcadas pelo uso de uma comunicação advinda de ciberespaço por outro lado encontramos produções desvinculadas de senso crítico, de objetivo e de "critérios de ordenação das ideias".

Em suma, queremos ressaltar que dos textos analisados a linguagem virtual aparecem num contexto de informalidade, partindo de uma variante popular onde se usa a forma coloquial da língua. Nos dois textos a seguir, constatamos a troca de cartas entre duas adolescentes:

Aluna F

thayná, como vc vai? tdmn, blz
 vc não é a Rede globo
 mas a minha novela especial
 vc é uma pessoa lg...

Aluna G

Olá na td beem com vc?
 vc vai na festah?
 ow me adc aí no seu msn
 ã esquecih táh!!
 beijimm
 tyx dollu mtuh!!
 8º Ano A

Tanto o texto da aluna F quanto da aluna G pode ser considerado inadequado, haja vista que um texto torna-se adequado quando a linguagem é empregada no ambiente propício para tal comunicação. Destacamos assim que *a situação concreta de comunicação é que determina a forma de linguagem a escolher como eficiente* (IDEM, 2003, p. 170). É certo que a linguagem virtual é uma 'língua' do ciberespaço que ao ser trazido no gênero textual – carta – estabelece propriamente uma situação de inadequação; conforme já explicado uma carta possui regras próprias deste gênero que por sua vez se divergem do contexto virtual já que o escritor deste ambiente faz escolhas de uma linguagem que se diferencia daquilo que é preconizado pelos padrões ortográficos da Língua Portuguesa.

O professor principalmente de Língua Portuguesa, encontra-se diante de um grande desafio, isto é, trabalhar a linguagem em um espaço social onde as novas tecnologias criaram novos meios de interação entre os falantes a partir de uma nova linguagem. Diante de um ambiente repleto de inovações linguísticas é de suma importância que o ensino não se paute e não se resuma na metalinguagem.

Todavia, o objetivo não é estigmatizar o gênero digital como superior ou inferior, isto é, nem abominar e nem exaltar e sim considerá-lo como um gênero que se encaixa no meio digital, ou seja, como todo gênero este contém regras se uso que o torna adequado dentro do propósito comunicativo a que se destina. Dentro desta perspectiva Araújo (2007:86) ressalta nas palavras de Biasi-Rodrigues (2004b), que,

O professor precisa estar atento ao que acontece na sociedade a sua volta, às suas experiências e às dos alunos, para partilhar e aprender com eles sobre os gêneros que estão sendo utilizados nos mais variados contextos, sobre os propósitos comunicativos que os movem e os efeitos pretendidos em cada situação particular.

Portanto, torna-se evidente que diante dessa análise a nossa preocupação ou nosso ponto de reflexão se concentrou essencialmente nas produções textuais onde ocorreu influência do meio virtual. Em síntese, nas produções textuais que tomamos como corpus dessa análise - as quais poderão ser observadas em sua completude em anexo ao presente trabalho - constatamos que a linguagem virtual ultrapassa os espaços da internet tornando-se um dos problemas ortográficos enfrentados pelos alunos.

Considerações Finais

Essa pesquisa se propôs a realizar uma análise da produção textual de alunos da 8ª série, acreditávamos que a linguagem virtual se movimentava influentemente na escrita escolar prejudicando o desempenho linguístico nas práticas discursivas. Pois ao nos colocarmos efetivamente diante de tais produções textuais pudemos perceber que a linguagem do ciberespaço apresenta-se como o levantar do véu de muitos problemas de escrita encontrada na produção textual.

É impossível negar a evolução na área da comunicação social especialmente no que concerne a linguagem escrita. Com o advento da internet o comportamento linguístico social mudou e é neste aspecto que o profissional da educação tem o seu maior desafio, ou seja, o desafio de alicerçar o ensino em uma sociedade tão arraigada a essa gama de TICs (tecnologias da informação e comunicação) pois, caminhar a margem dessa realidade é simplesmente educar para um mundo que não existe mais.

A Língua Portuguesa nos ambientes virtuais adquire uma forma de escrita tomada por abreviações imbricadas a elementos fonéticos e imagéticos que por sua vez não são compreendidos pelas normas e regras legalmente instituída aos padrões do idioma. Verificamos desta forma que mediante o percurso que embrenhamos nesta análise a linguagem virtual é uma realidade efetiva entre os alunos, embora ocorra em ambientes informais, como por exemplo, uma carta endereçada à um colega.

O gênero textual – carta – se reveste de um ar de espontaneidade através de um registro que envolve fatores afetivos e informais. Desta forma a problemática encontrada confirma nossos pressupostos que a linguagem virtual influencia a escrita escolar ao mesmo tempo em que pudemos perceber que a linguagem do ciberespaço se pontuou em ambientes em que as condições de produção eram de informalidade.

Contudo, mesmo partindo da informalidade o gênero digital ao sair do espaço virtual e se instaurar na escrita escolar sinalizou para uma disparidade entre escrita e ambiente sócio-comunicativo. Portanto, a linguagem virtual deve ser objeto de estudo no contexto da sala de aula para que assim o aluno saiba *redimensionar a linguagem em seus contextos de uso e adequação*.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, Irandé. Aula de Português: Encontro & Interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARAÚJO, Júlio César; RODRIGUES, Bernadete Biasi. Interação na internet: "Novas formas de usar a linguagem". Editora: Lucerna, Rio de Janeiro, 2007.

ARAÚJO, Júlio César. Internet e ensino: "Novos Gêneros, outros desafios". Editora: Lucerna, Rio de Janeiro, 2007.

BITTENCOURT, Silvia. LORENZ, Elenice Rodrigues. Os riscos da linguagem na/da internet. In. Movimento Nacional em Defesa da Língua Portuguesa. Texto publicado no jornal santista A Tribuna em 30 de maio de 2005.

BRECHT, Bertold. Poemas e Canções. Tradução de Geir Campos. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1996.

BRITO, Luiz Percival Leme. **Em terra de surdos-mudos (Um estudo sobre as condições de produção de textos escolares)**. In. GERALDI, João Vanderley (org.). o texto na sala de aula. 3ª ed. São Paulo, Editora Ática, 2001.

CAIADO, Roberta Varginha Ramos. A ortografia no gênero weblog: Entre a Escrita Digital e a Escrita escolar. In. ARAÚJO, Júlio César. Internet e ensino: "Novos Gêneros, outros desafios". Editora: Lucerna, Rio de Janeiro, 2007.

FREIRE, Paulo. Professora sim, tia não. Cartas a quem ousa ensinar. São Paulo, Olho d'água, 1993.

FREITAS, Maria Teresa de Assunção. COSTA, Sérgio Roberto. Leitura e Escrita de Adolescentes na Internet e na Escola. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

GERALDI, João Vanderley. Linguagem e Ensino: Exercícios de militância e Divulgação. In Construção de um novo modo de ensinar/aprender a Língua Portuguesa. Campinas, SP. 1996.

_____. Portos de passagem. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

_____. CITELLI, Beatriz. Aprender e ensinar com textos de alunos. Coord. Geral: Ligia Chiappini. 6ª edição. São Paulo: Cortez, 2004.

GUEDES, Paulo Coimbra. SOUZA, Jane Mari de. Leitura e Escrita são Tarefas da Escola e não do Professor de Português. In Ler e escrever: Compromisso de todas as áreas. São Paulo: Cortez, 2005.

LIMA, José Leonildo, SILVA, Teresa de Pazos. Roteiro para elaboração de trabalhos acadêmicos e monografias. Editora Unemat, 2005.

MARCUSCHI, Luis Antônio. Xavier, Antonio Carlos. Hipertexto e Gêneros digitais: "Novas formas de Construção do sentido" 2ª edição, Editora: Lucerna, Rio de Janeiro, 2005.

_____. Da fala para a escrita: Atividades de retextualização -6ª ed. - São Paulo: Cortez, 2005.

Anexos

um
um dia importante

Hoje é um dia ^{im} importante porque é o seu aniversário
Hoje é um ^{um simples} simples aniversário.

É o seu aniversário, eu podia ter ^{te} dar um presente
mas ^{mas} não, porque ^{porque} foi Deus que ^{me trouxe aqui} me trouxe aqui.
esse mundo tão lindo.

Então, ^{agradeço} agradeço para o resto de minha vida.

Obrigado

Surfista

8h

aluno



credeal

Preconceito

Discriminação contra os negros, sabe eu não gosto muito
as pessoas pretas mais a minha família por parte da
avó são quase tudo pretos mas o meu pai a
família dele são todo branco ainda bem que eu
nasci branca mais eu não tenho muito preconceito.
os meus amigos são pretos a minha falou que eu
não para com essa coisa de discriminar as pessoas
pretas, macaco eu vou casar com preto que chega
um dia de tão preto que e deles meus filhos vão ser pre-
to que nem macaco eu não tenho preconceito
com os pretos mas não quero os meus filhos pretos eu
quero eles branco que nem eu. Há, não tenha preconceito
contra os pretos porque você pode se apaixonar
com um preto.

Amor

31/08/09

8.10

olá amigo Jupiteriano tudo bem com vc estou escrevendo a vc tá
certo, e quero outro flm, como vc tá só em Jupiter TdB
eu queria um escritor feroz assustador tenebroso horrífico
com uma cena de laser e com intensos parabólicos pra TV Jupiteriano
Jupiteriano television. Se vc não quiser eu pagaria pra outro país
praíso fiz uma viagem para os países de sistema, a blitz de
morte não vi os de trabalho pra lá deve ter muita gente
d+ de estranha e vc ainda trabalha com 23 Jupiteriano
da gozou Jupiter e só flm d'inter Xde.

8º Ano Aa

SMILINGUÍDO



O preconceito

O preconceito é um tipo de racismo contra pessoas diferentes, morenas, brancas e outras de muita raças e tipos...

Preconceito com as pessoas diferentes
Coisa muito rara muitas vezes
Tem algumas pessoas diferentes passando
e as pessoas falam coisas que possam
magoar e as vezes pode ficar mais
doente com os preconceitos de muitos

O preconceito com as pessoas morenas,
brancas e de toda raça é muito
acontecido no Brasil e no mundo
mas isso pode mudar. A mídia
está fazendo o trabalho de
vezes prendendo muitos preconceitos
e

Preconceito estão nas ruas, no
trabalho, em casa, mas principalmente
na escola. muito antes no Brasil
não existia preconceito e preconceito
é a desumanização.

cradeal

thayná, como VC vai? tdm, B/z

VC não é a Rede Globo
umas a minha novela especial

VC é uma pessoa lg...

8º ano 1ª=

Oliana td beim com vc?
Vc vai na Festah?

ow me adc ai no seu msn
~ esquecih fah!!

beijimm
tyr dollu mth!!

8º Ano A





Nomes: _____

Série: 8ª _____

Data: 22/09/09 _____

Trabalho de Preconceito...

Tema: Preconceito não é um bicho de sete cabeças

Muitas vezes ser cego não anda não fala é um dom, pois si nascemos assim se Deus fez nós dessa forma é para vermos que não importa a diferença somos todos iguais do que importa não se completo por fora si somos por dentro.

Ser diferente é ver o mundo de modo inesperado todos nós temos falhas se não sabemos conviver com isso Hoje em todo lugar e em toda família há uma pessoa que precisa de um apoio de um carinho mais intenso.

Hoje pode ser eu você que ajuda um de fisente amanhã são dois um dia todos eles vão te ajudar cor ser negro, branco não que dizer nada ou melhor que dizer como a fertilidade se modifica na cor e no sexo.

Vamos abrir os olhos e com essa a conviver com aquilo que realmente o mundo nos propõe. Preconceito não é um bicho de sete cabeças.



Preconceito

Racismo

O racismo é um dos preconceitos mais fortes e falado hoje. Vemos todos os dias um negro sendo maltratado. Mas isso é a realidade, penso que nós todos somos iguais não importa cor dos outros.

Tamanho

Existe preconceito contra tamanho.

Esse é mais um dos preconceitos bobos, não importa o tamanho mas ele é igual a nós mas não importa se ele for mais baixo.

Deficiente

Os cegos passam preconceitos sem eles mesmos quererem. Ter eles são iguais a nós humanos e humanos de carne e osso. Mas sofre de um terrível preconceito de ter perdido a visão. Eu acho que todos somos iguais e devemos ajudar a eles.

Capacitados

Eles têm problemas na pernas mas são iguais a gente e age e precisam de ajuda para subir calçadas etc. acho que deve acabar.

© Disney



De: Wladia
Para: Vô Izabel

Segundo bem com você?
Cemigo está tudo bem.

Só estou morando de saudades da senhora e do meu avô,
e o meu avô já melhorou do acidente?

Eu estou morando com a minha mãe, eu
voltei a estudar no colégio já ^{estou} fazendo
serie, vou fazer cursos e estou ajudando a minha
tia no trabalho da, eu fui ao dentista segunda-
feira e já estou sem a dor de dente.

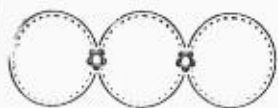
Mãe, eu estou com saudades do meu pai, no fim
de ^{ano} eu quero ir para a casa da senhora
passar o natal com vocês.

Fin

Eu
Tio

Vô e Vô

Beijos da sua
neta Wladia



O convite

Convidu-ty para uma festinha lá in Ksa vai cê 7:30h
vc tem q i e leva sua prima tbm blz? bjoos

8º ano A

31.08.09



A Festa

Meu amigo eu estou fazendo uma festa
na minha KSA estou convidando VC PR
vir na minha festa.

Vai ter muita bebida e comida
e musica de qualquer tipo

OBG Para a atenção
espero vcs aqui
na minha festa

às: 20:00 Horas
na Rua 6 Bairro São José

By: Comida

De: Claudinei

Para: Comunidade

26 de agosto
de 2009

Olá! Pessoal, neste carta ^{a gente} agente vai aprender um pouco mais do ^{ambiente} meio ambiente. ^{o que é} vamos aprender (que agente) ^{preciso} ^{para} mudar esse planeta, aprender a ^{porque} ^{papelzinho} não jogar lixo na rua ^{porque} ^{um} ^{papel} ^{sinho} ^{que} ^{você} ^{joga} na rua ~~você~~ vai estar poluindo o planeta, ^{assim} ^{sem} ^{te} ^{remos} ^{um} ^{mundo} ^{cada} ^{vez} ^{melhor}, viver ^{perfeito} ^{sintonia} com a natureza.

Pontes e Lacerda

26 08 09

De: D@D@H

Para: GLEICIANE

Vi ^{amiga} tudo bem? Saudade de você.
que ^{que} ~~essa~~ amizade nunca acaba
que dure para sempre.

Você é mais ^{do} que uma amiga ^{para} ~~para~~
mim, é uma irmã. ^{que} Deus te aben-
çoe sempre e te dê ^{muita} muita saúde e
paz.

TE AMO!

Sua melhor amiga

Daiane Ferreira Martins

Gleiciane. da Mata

R. São José

Rua Terceirinha Caura Garlvin

Telefone: 9949 3350.

De: Alguém
Para: Ninguém

26 de agosto de
2009.

Pe L, MT

Para uma grande amiga;

Ola!

Tudo Bem com você? Espero que sim!

Bom Dia!!!

Minha amizade com você é algo como uma irmã
para estar perto de você a minha vida toda.

Seu seu amigo por muito tempo!!

Adorei sua



Amizade.



Pontes & Spaciola, MT

Bairro: (Confidencial)

Cep: 78250-000

End: (Confidencial)